

IMAGENS DO CENTRO URBANO DE SALVADOR (1920-1942)

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz

Bacharel em História

Universidade Católica do Salvador

luizpachecoq@pop.com.br

Resumo: Este estudo pretende apresentar diferentes sentidos atribuídos ao centro da Cidade do Salvador pelos sujeitos sociais entre os anos 1920-1942. O texto trata de parte da minha monografia, defendida publicamente no início de 2005, e de outras questões para um projeto de pós-graduação. O desenvolvimento submeteu-nos a um olhar inserido nas visões de mundo e na experiência de vida e de luta dos indivíduos. Alguns documentos, como crônicas, fotografias, periódicos e depoimentos orais, manuseados para apreender os significados daquele lugar estão presentes e foram fundamentais na análise das imagens. Os questionamentos sobre os aspectos abordados, mais sistematizados com os estudos atuais, sugeriram uma intensa confrontação de fontes, a partir de procedimentos de análise baseados no relativismo cultural ao considerar a importância das múltiplas temporalidades. O período abordado é rico em diversificadas dimensões de um local caracterizado por profundas mudanças em seu traçado, já discutido por outros pesquisadores. No entanto outros são os resultados aqui alcançados e ao aprofundar algumas questões inserem-se no âmbito da História Social. Por outro lado a partir da discussão podem ser conhecidos fragmentos selecionados da cultura, entendida como modo de vida global. Os variados símbolos das representações do momento estudado foram analisados para compreender como viviam os agentes sociais no período. E diferentemente do que era indicado pelos periódicos da República Velha, nos conflitos sociais pude perceber a efetiva participação de diversos grupos sociais, que certamente estavam presentes nas intrincadas disputas por territórios no centro urbano.

Palavras-chave: História de social; Espaço urbano; discriminação



INTRODUÇÃO

Como os diferentes sujeitos sociais que viveram intensamente o centro da Cidade do Salvador entre 1920-1942 conceberam este lugar? A significação dos locais de trabalho, moradia e lazer para os segmentos explorados e opressores sugerem ter pertencimento às mais diversas manifestações dos habitantes e visitantes da cidade, já que se originaram a partir de imagens socialmente construídas. Elas serão abordadas nesse texto que trás parte de uma pesquisa já finalizada - pré-requisito para completar o curso de História na UCSal - e avança no sentido de problematizações para um estudo de pós-graduação.

Os limites impostos pelas pessoas àquela área precisam ser apresentados. E as linhas de demarcação imaginárias eram compreendidas da mesma forma por todos? Os territórios que se imbricavam foram constituídos pelo uso que os indivíduos faziam deles. Milton Santos (1959, p. 21) com suas indagações consideráveis para o estudo do espaço urbano concede possibilidades ao entendimento do centro da cidade ao indicar questionamentos acerca da paisagem urbana. É dessa forma que percebo e afirmo a consolidação tão profícua da reflexão de uma área que se constituiu como uma realidade geográfica. E certamente é a partir da extrema importância dada àquele lugar que ocorreu a tentativa de seu enobrecimento, com os conflitos para obter a hegemonia dos serviços disseminados e do acesso às suas facilidades de lazer (SMITH, 1988, p. 123-139).

Sem embargo estarão sendo discutidas diferentes visões da cidade com a intenção de trazer a realidade dos novos espaços então criados. Por outro lado inesperadas condicionantes dos sentidos, dos valores, das significações dos territórios para os sujeitos sociais, surgiram com o impacto na paisagem mental, visual, material e social.

Os documentos manuscritos e impressos bem como os depoimentos analisados foram investigados com o objetivo de ouvir a voz dos sujeitos sociais antes silenciados pela História Tradicional. Assim ocorreu também com as fontes iconográficas, que receberam tratamento delicado na pesquisa. A complexidade de discutir os registros visuais é inserida desde a sua realização pela ação do fotógrafo até às coordenadas particulares de espaço e tempo. Esse suporte sofreu então uma investigação histórica com a incorporação dos questionamentos de Boris Kossoy (1989, p. 24) sobre o processo de análise da cultura



visual. Os procedimentos solidificaram a intenção de trazer a tona fragmentos selecionados da história de vida dos mais variados segmentos da população. Isso permitiu visualizar e compreender destacados locais da área pesquisada.

No período estudado a busca pela semelhança com as mudanças em voga no Rio de Janeiro e Paris tem uma dimensão mais próxima, pois alguns espaços com aspectos renovados eram considerados pela elite letrada dignos do progresso a ser alcançado. A remodelação do centro de Salvador emergiu, num maior grau, de intenções particulares das idéias perpetradas pelas classes dominantes. Evidentemente, vários segmentos da sociedade são identificados naquela área da cidade que deixou de receber tantas modelações ao longo da década de 1930.

A concepção do centro urbano para os sujeitos sociais que vivenciaram as manifestações está ligada certamente a todos. Porém as notícias dos periódicos das décadas de 1920 e 1930 conduziam o leitor a aceitar aquele espaço restrito para o gozo de poucos na sociedade. A participação ativa daqueles que foram negligenciados pela tentativa de dominação cultural é uma questão não resolvida. Esse objeto de discussão insere reflexões acerca das práticas discriminatórias/elitistas, sobre o que José Murilo de Carvalho (1990, p. 10) trás uma contribuição considerável, ao analisar o imaginário popular republicano e os símbolos do controle social.

A abordagem do cotidiano intensificou a identificação das diferenças dos sentidos e das aspirações dos agentes da história, sem atribuir-lhes subjetividade singular ou coletiva e sem restringi-lhes às categorias conceituais e organizacionais básicas de classe ou gênero. Por isso pude aproveitar a visão abrangente da análise de E. P. Thompson (1981, p. 188 e 189), principalmente acerca da diversidade do processo histórico e das categorias sociais: experiência e vivência.

A contribuição dos chamados Estudos Culturais, muito importante para um maior aprofundamento da pesquisa, trouxe questionamentos concretos aos procedimentos elaborados pela História Social. A maneira em que foram abordadas as relações sociais por esse conjunto de idéias consolidou grande colaboração para um enriquecimento do tema pesquisado, já que não havia nada na discussão que indicava uma clareza em demasia. Um



campo de possibilidades continua aberto ao relativizar conceitos e entender a cultura como modo de vida global, indicada em todas as práticas sociais, enfim uma forma comum de atividade humana. Além de Raymond Williams (1989, p. 204) em sua reflexão sobre os aspectos de dominação cultural da cidade e do já citado Thompson está presente o pensamento de outros participantes dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2003, p. 131, 204 e 205).

Evidentemente para abordar as categorias de análise discutidas foi preciso desenvolver um arcabouço teórico conciso e alicerçado num debate ainda em profusão na historiografia. Dessa forma questionamentos acerca das representações que as pessoas sustentavam nos ícones da chamada modernização das primeiras décadas do século XX emergiram e passaram a ser tratados com solidez a partir de novas problematizações que têm fundamento também na contribuição de Roger Chartier (1988, p. 17). E para entender os intricados sentidos formados a partir de tantos termos, como progresso e civilização, os procedimentos de análise seguidos levaram em conta a forma das idéias metaforizadas no período estudado, livre de anacronismos com isso.

PRESENÇA DE DIVERSOS GRUPOS SOCIAIS NAS DISPUTAS POR TERRITÓRIO

“Em função do alto comércio e, muitas vezes, em atendimento às suas solicitações e exigências é que se modernizaria a cidade, adquirindo novas fisionomias, através dos vários empreendimentos dos sucessivos governos republicanos...” (SANTOS, 1974, p. 29), como as diversas obras ocorridas em Salvador ao longo dos primeiros quarenta anos do século XX. Apesar do apregoado raciocínio ligado aos ideais cientificistas, é possível observar com esta análise de Mário Augusto Santos, como vinha mesmo das classes dominantes o desejo de fazer da área central um lugar privilegiado para as possibilidades de acumulação de capital. O alto comércio aludido por ele tinha como carro-chefe a exportação de produtos agrícolas, mas o giro comercial também se fazia presente de forma intensa em alguns bairros da Cidade do Salvador dos anos 1930, como nos diversos espaços do centro urbano.



Os comerciantes com menos poderes tentavam driblar os impedimentos arraigados aos moldes do Império. A monocultura voltada para o mercado externo continuava a imperar empurrando o Estado da Bahia à letargia econômica e insipiente crescimento industrial. Numa das inúmeras tentativas esses indivíduos buscaram o estabelecimento da rede bancária na Baixa dos Sapateiros como indica o Diário da Bahia.

Na rua Dr. Seabra, por exemplo, é de admirar que até agora nenhum dos bancos se dispusesse a instalar uma agência. O movimento commercial ali é consideravel e aumenta a olhos vistos. Esta circumstancia vem encarecer o tempo de que dispõem os commerciantes ali estabelecidos, para deixar os seus affazeres, em virtude da necessidade de tomar o bonde até ao elevador ou plano inclinado e dahi ao bairro commercial por excellencia... (1928, p. 03).

O periódico apresenta diversos aspectos relevantes para que os bancos fossem fixados numa rua com intenso movimento comercial. Assim percebe-se que partes da área central não detinham certos privilégios, pois as decisões de uso do espaço passavam pelo crivo dos grupos sociais que predominavam na capital baiana. Através de seus objetivos eles impunham a todo o tempo um aspecto renovador, mas condicionado aos locais em que verificavam uma grande oportunidade de lucratividade.

A tentativa era colocar Salvador numa dinâmica própria de modernização. Alguns aspectos difundidos serviam para esconder a verdadeira tentativa de desaffricanizar as ruas (FERREIRA FILHO, 2003, p. 19-25). E os conflitos emergentes configuravam-se numa tendência que, em princípio, eram resolvidos em favor dos proprietários dos meios de produção. Estes, no capitalismo, comandam a vida econômica e política. E era através dos ditames do lucro que ocorreu a tentativa de levar a capital baiana ao encontro do tempo burguês.

O que ocorrera como grande propaganda difundida pelos meios de informação do período é que Salvador estaria caminhando para ser uma cidade “modernizada”. Contudo é factível perceber que estavam comparando-a com as obras que foram realizadas em outras cidades, como no Rio de Janeiro e também Paris (FERNANDES e GOMES, 1992, p. 54 e 55).



A melhoria das comunicações internas e externas da cidade e a regulamentação do crescimento desordenado da cidade estavam à frente da nova feição que ganhava a cidade. Eloísa Pinheiro percorre o trajeto das reformas urbanas em princípios do século XX, pontuando os métodos de demolição, as necessidades de sua implantação e a significação da nova estética influenciada pelas obras no centro do Rio de Janeiro e, principalmente, por Haussmann em Paris.

As três cidades, Paris, Rio e Salvador, têm o mesmo objetivo: através do alargamento de ruas ou da abertura de novas, o que se propõe é facilitar os deslocamentos, fazer o enlace entre pontos da cidade de forma simples e facilitar a introdução dos modernos meios de transporte e dos novos serviços urbanos. Buscam modernizar sua rede viária e introduzir um modo de vida burguês. Para implantar as intervenções projetadas se contabilizam demolições, desapropriações e a expulsão da população residente para o aburguesamento do centro que passa a apresentar um conjunto mais coerente deixando de expor as características das cidades coloniais ou medievais (PINHEIRO, 1999, p. 122 e 123).

A coerência observada merece uma discordância, já que em detrimento da conservação do patrimônio cultural não deveria haver uma degradação tão débil naquele espaço. E não é possível aceitar tal análise sem concluir que Salvador não alcançou a tão esperada modernização, que teve, entretanto, diversos projetos capitaneados neste sentido, mas que não atingiram o êxito esperado ou não passaram de retórica.

Essa discussão é inteligentemente pontuada em Quem Pariu e Bateu Que Balance! (FERREIRA FILHO, 2003, p. 32-49), onde o autor inicia o debate do cotidiano do trabalho das mulheres no espaço urbano trazendo a conjuntura econômica da Bahia como pano de fundo. Ao entender a presença e importância de observar o trabalho desenvolvido pelas parcelas subalternas no espaço urbano percebe-se que a historiografia deixou por muito tempo de ouvir o grito dos excluídos, fazendo ecoar apenas as aspirações das classes



opressoras. Ora, existiam outros indivíduos vivendo na cidade, e eles resistiram com suas formas singulares e tão execradas de viver pelos grupos sociais dominantes.

Contrariamente às tentativas de impedir a permanência dos costumes da cultura popular as pessoas transitavam com frequência pela Praça 15 de Novembro ou pela Rua Chile devido aos mais diversos fins. Hildeth Camélia Paz, que mora no Centro Histórico desde o ano de 1928, descreveu locais em que se encontrava com seu companheiro durante o seu namoro:

Ah era ótimo a Cubana [sorveteria que existe até hoje ao lado do Elevador Lacerda, no alto], do lado de fora aquelas cadeira. O povo chegava e sentava. Tinha um Adão e Eva na jangada era uma travessinha assim (mede o tamanho com as mãos) com dois doces aí botava o creme. Chegava ali pedia Adão e Eva na jangada, ele até dava risada né, que depois que me casei e tudo com o barrigão eu ia namorá na praça lá (PAZ, 2003).

O cotidiano dessa senhora recheado de acontecimentos comuns a outras tantas mulheres e homens, informa como havia um uso do espaço urbano do centro pelas pessoas de segmentos populares sem que elas percebessem uma tentativa de seu isolamento dali. As ações do cotidiano delimitaram o perímetro usufruído pelos sujeitos sociais, como em espaços freqüentados por pessoas de todas as classes, numa flagrante disputa por territórios na cidade.



Figura 1. Sem Título, 1940.

Na figura 1 é possível perceber como os indivíduos das camadas populares se comportavam de maneira bem simples e parecendo bem à vontade em locais como o Belvedere da Sé. Vários rapazes aparecem juntos na forma natural de seu dia a dia nas mediações do Palácio do Arcebispado. O centro urbano concentrava um grande número de espaços que tinham uma sociabilidade consolidada. Não era apenas pelas possibilidades financeiras, mas também pelos casuais encontros das pessoas das camadas subalternas.

Os grupos sociais que pretendiam regulamentar o uso dos espaços e a permanência das pessoas na área mais central de Salvador solidificaram visões da cidade que moldaram a aparência de ruas, praças, ascensores, salas de cinema e demais locais dali. O Diário de Notícias, se referindo a tal assunto avalia as mudanças perpetradas pelo ímpeto reformador imbuído pelos ideais de progresso dos desígnios positivistas.

As conquistas do progresso modificam em tudo, os aspectos urbanos. As cidades, á proporção que vão sofrendo a ação reformadora dos poderes publicos e recebendo as remodelações introduzidas pelas iniciativas particulares, transformam-se, na sua physionomia, de modo a ressurgirem, modernizadas aos olhos de seus próprios habitantes e muito mais ainda ás vistas do que, só de longe em longe, as revêem, lembrados do que ellas foram e do que passaram a ser (1932, p. 02).

Essa forma de avaliar o contexto em que se inseriam as modelações da cidade numa busca frenética pelo progresso indica na realidade uma tentativa de escamotear outros sentidos trazidos com as novidades. Certamente não era toda a população que concordava com a tão propagada grandiosidade das mudanças no espaço urbano. As evidências sugerem que, especialmente para os habitantes do centro urbano, a forma em que reconheciam o espaço do centro de Salvador não refletia as considerações do discurso cientificista.



Por outro lado a acumulação de capital realizada com a exploração dos serviços urbanos enriquecia as poucas empresas de capital privado que exploravam tais serviços. Periódicos, como o Diário da Bahia, atentam para esse aspecto com análises da atuação da Companhia Linha Circular de Carris da Bahia (CLC), que se solidificou nas ruas do centro urbano. Numa matéria, o jornal afirma que a CLC cooperou de forma decisiva e incontestável nos melhoramentos do material urbano. O título surge com uma clara associação com as idéias preconceituosas empregadas ao longo do período estudado:

ÍNDICES POSITIVOS DE REALIZAÇÃO E PROGRESSO

A Companhia Circular estudou, por muito tempo, o melhor meio de dotar a cidade de novos meios de transporte entre a cidade baixa e a cidade alta. Um grande elevador (...) será uma obra de vulto a se realizar dentro em breve. (...) Também foram construídos nas oficinas da Companhia Linha Circular os actuaes carros do Plano Inclinado e os novos bondes, que o povo apellidou de 'jahus' (1928, p. 03).

Na linguagem utilizada no texto do periódico é ressaltado o apelo por expressões de uso cotidiano para chamar a atenção da população. Aliás, é evidente também a forma de aliança entre uma empresa de capital privado com o governo municipal para convencer a população e assim manter o controle social - estratégia frequentemente utilizada no centro urbano.

E os serviços urbanos ocupavam uma grande parte da mão-de-obra da cidade. Mas os tipos de transportes que haviam se mantido ou crescido ao longo das primeiras décadas do século XX iam além daqueles disponibilizados pelas companhias de carris. Assim os trabalhadores em seus ofícios

eram alvarengueiros, saveiristas, barqueiros, pilotos de embarcações a vapor, todos em transportes marítimos. No cais, trabalhavam os estivadores. Em transportes terrestres, havia cocheiros, carroceiros, condutores de carros ou carruagens de tração animal, condutores de animais de carga, motoristas de automóveis, caminhões e ônibus e os carregadores de fardos à cabeça, os



chamados 'ganhadores', atividade esta exercida anteriormente por escravos (SANTOS, 2001, p. 29).

Sem o trabalho desses profissionais não haveria a reprodução dos serviços. Dessa maneira uma significativa importância era dada ao seu labor, sustentando uma relação de dependência e servindo aos ímpetus dos serviços urbanos.

Não era somente durante o dia que a cidade tinha o movimento de trabalhadores. Mas, possivelmente, não ocorreu uma continuidade do deslocamento de pessoas durante as altas horas da noite. Um repórter do jornal Diário de Notícias conta a sua experiência de um passeio pelo centro na calada da noite num sábado de fevereiro de 1933. Encontra um senhor, de nome não identificado, e estabelece um diálogo interessante sobre assuntos cotidianos. O senhor aponta a falta de situações antes vivenciadas, exemplificando que havia uma novidade: o silêncio do horário devido à situação do país, que sob o regime militar perdera a atividade boemia.

- Isto aqui me parece, á noite, um grande quartel. O Palace fechado. As ruas mais interessantes fechadas. / - Interessante, como? / - Os cafés desertos. Não se bebe. Não se dança. Nós estamos positivamente militarizados. / - Não é tanto assim. Há casas de jogo. / - Sim. Mas, têm um vício de origem que as faz intragáveis. / Qual? / - São toleradas. Isto, semi-oficializadas. E o jogo, aliás como todos os vícios, só têm sabor quando proibidos (1933, p. 02).

Nesta percepção pode-se perceber que as pessoas encaravam com estranheza muitas das mudanças cotidianas.

Em outro trecho de suas impressões o repórter provoca o depressivo senhor ao perceber a permanência de uma trabalhadora: “Caminhamos. Estávamos na Sé. Defronte da Assistência, a velha do mingau estava firme. – Olhe aqui um aspecto noturno que não desapareceu. / - Esta só sairá daí quando mudarem a Sé” (Ib., p. 02) Este rico diálogo nos trás experiências que têm diferentes opiniões. A diversidade de visões da cidade apresenta



contrastantes compreensões dos acontecimentos, fossem eles surgidos do trabalho exercido no centro ou originado de outros eventos culturais.

Como se pode observar os mesmos indivíduos que queriam afastar os pobres dali precisavam deles, já que eram dependentes dos ofícios que esses últimos exerciam e que eram necessários aos cotidianos de médicos, advogados, patrões, empresários, chefes de polícia, tabeliões, entre tantos outros agentes sociais. Necessidades ligadas à forma de se vestir, aos hábitos alimentares, a questões de higiene coletivo, ao transporte de mercadorias das mais diversas...

A resistência consolidou-se, sobretudo na luta pela sobrevivência, na existência dos ofícios que não desapareciam por ser a única solução para a continuidade da vida dos trabalhadores. E estes sem especialização, inseridos no mercado que se formava ou com especializações outras, eram imersos mesmo na herança cultural da população. Essa reflexão permite considerar que a presença de indivíduos das classes pobres no centro urbano de Salvador aconteceu de forma constante e, principalmente, para fins de luta pela sobrevivência.

Muitas das atividades realizadas foram desenvolvidas por trabalhadores que não se inseriam nos ofícios considerados como dignos por setores das camadas intermediárias e das classes dominantes existentes na cidade. É desta forma que Hildegardes Vianna compõe o ofício dos carroceiros com generalizações que mesmo parecendo exageradas dão conta de suas atividades.

Ser carroceiro era ocupar um degrau bem baixo na escala das profissões. Mas o carroceiro não era um ser desprezível. A maioria era rude nas maneiras, difícil no trato e de linguagem desabrida. Mas nunca se poderá desmentir a sua utilidade, o papel importante que desempenhavam na vida cotidiana da Cidade (1979, p. 99).

Certamente, para além do preconceito dos opressores, houve uma intensa resistência destes trabalhadores. E imbricadas em tantas realizações essas conquistas diárias se sustentam e são assimiladas num longo tempo que repercute no entendimento das transformações de formas diferentes. (VOVELLE, 2001, p. 68-96).



O interesse em transformar as ruas do centro urbano em vias de maior circulação de automóveis - consolidado mesmo ao fim da década de 1930 -, protagonizado pelos indivíduos das classes dominantes, indica práticas para o aproveitamento do lucro com o comércio e a rede de serviços que lhes trariam benefícios. Foi com esse pensamento que se acelerou o processo de demolição da Catedral da Sé. Este monumento, construído de 1552 a 1671, por mais de trezentos anos fez parte das imagens que *transitavam* pelo centro de Salvador, foi mutilado a contra gosto da maioria dos religiosos baianos.

Essa violação patrimonial gerou uma grande polêmica durante quase vinte anos. Os periódicos soteropolitanos publicaram diversos artigos sobre o assunto, muitos sendo contrários outros a favor da derrubada.

A apropriação cultural realizada pelas classes dominantes repercutiu numa abrangência da compreensão e apreciação dos monumentos que se somava ao controle social. “O patrimônio cultural serve, assim, como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que gozam de um acesso preferencial à produção e distribuição dos bens” (CANCLINI, 1994, p. 97). A força dos setores dominantes estava mesmo nas possibilidades que tinham de definir quais bens deviam ou não ser conservados.



Figura 2. Sem Título, 1934.



Dialogando com fotografias Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Salvador (AHPMS), figuras 2 e 3, é possível conhecer um pouco do espaço que era ocupado pela antiga Catedral. Sua feição foi mudada servindo a partir daquele momento para o trânsito de bondes e marinettis - apelido dos ônibus naquele período. A figura 3 mostra um ângulo do local em que foi construído o Belvedere da Sé durante a administração do Prefeito Durval Neves da Rocha, na passagem da década de 1930 para 1940.



Figura 3. Sem Título, 1939.

Não podemos deixar de notar, também, que esses registros fotográficos focalizam a perda do Parque Dona Izabel que ficava na frente da Sé, onde posteriormente foi erguido o Belvedere da Sé, e recebia tantas manifestações culturais. Os moradores de rua fizeram parte de suas imagens. O estado de conservação dele foi motivo de pesadas críticas do jornal Diário da Bahia ao Prefeito Francisco de Souza em 1928.

Vive abandonado, immundo, entregue aos parasitas e aos indigentes que ali estacionam, ostentando as suas chagas, afim de condoer os esmoleres e arrancarem lhes os nickeis. Tudo isso o sr. Chico Projecto já viu e de tudo é sabedor, mas a sua incapacidade administrativa fal-o cruzar os braços, diante dessas ocorrencias, como um philisopho de grosso calibre (1928, p. 02).



Os motivos de oposição do periódico fossem eles surgidos de disputas entre os grupos sociais pelo poder ou querelas pessoais, exerciam influência nas considerações acerca dos espaços pelas pessoas. Contudo essa interferência situava-se nas idéias dos seus leitores.

Junto à presença da igreja da Sé, somou-se uma zona de meretrício nas imediações do distrito da Sé, então condenada por membros do clero e de outros grupos sociais da sociedade soteropolitana. Esta é uma das maneiras, entre outras, em que a tentativa de exclusão da população pobre da área mais central da capital baiana se solidificou.

O sentimento de propriedade dos monumentos da cidade se confunde com a identidade do povo. Geraldo Leal recorda igualmente que:

Ainda tivemos oportunidade de conhecer a igreja da Sé, não como se estivéssemos a nos despedir da histórica Catedral, mas apenas passando em seu contorno. Não reparamos se estávamos em torno de um imóvel velho. Salvo palacetes do Campo-Grande, Graça, Barra, Avenida Sete, enfim a cidade inteira era assim, com ruas estreitas e tortuosas. Na freguesia da Sé, em 1930, existiam 38 ruas com 952 prédios. Se soubéssemos que iriam derrubar a igreja da Sé, teríamos entrado na sua nave e percorrido os sete andares da Virgem, representados pelas imagens que ali se veneravam... (2002, p. 120 e 121).

Esse desabafo do memorialista Geraldo Leal sugere como até entre aqueles que não freqüentavam a igreja havia um sentimento de pertença, um apego àquele templo. A simbologia das lembranças deste senhor, tanto no depoimento que prestou (LEAL, 2003) como nos livros que publicou, mostram como existe uma riqueza cultural constitutiva da memória social. Tal dimensão emerge na investigação através do espaço citadino originado pelas lembranças e esquecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito, as reformas urbanas que ainda estavam sendo realizadas inseriram novas formas para a leitura de locais como as praças, ladeiras, e ruas com pouco uso para o



deslocamento urbano ou com trânsito mais intenso. Assim caminhos antes não existentes se formaram, o que contribuiu para uma outra percepção do centro urbano.

Ao que tudo indica essa nova feição soteropolitana foi elaborada pelas idéias civilizadoras, já em profusão no início do século XX e tendo se mantido ao longo das décadas de 1920 e 1930. O projeto republicano incorporou as reformas urbanas em um permanente reinício. A partir do governo de J. J. Seabra Salvador sofreu diversas intervenções que intensificaram mudanças profundas em seu traçado urbano.

Rinaldo César Leite em seu importante estudo apresenta as remodelações daquele período que deixaram a cidade “com novas avenidas, ruas alargadas, alinhadas e asfaltadas e edificações que começavam a seguir uma moderna estética; enquanto outras reformas, concentradas, sobretudo no Bairro Comercial, prosseguiram em andamento” (1996, p. 142), e seus novos alinhamentos e pujantes camadas de asfalto. É substancialmente interessante observar que as constantes mudanças já faziam parte do cotidiano da população soteropolitana. Contudo o caráter generalizante das novas formas deve ser relativizado, pois as imagens dos espaços interferidos correspondiam a ideais elitistas que não eram percebidos da mesma forma pelas camadas da sociedade sem acesso a informações mais elaboradas.

Idéias sustentadas em representações coletivas instruíram as interações urbanas praticadas pelas classes dominantes para manter o controle social. A manipulação consolidou o poder de uma pequena parcela da sociedade apoiada na propriedade dos meios de produção. As classes dominantes ao incidirem nas constantes remodelações urbanas exerciam sua atividade de conquista de espaço e de poder. *Do outro lado da moeda* e beneficiando-se de uma capacidade imaginativa fantástica – que permitiu a reprodução da cultura popular – estavam os segmentos aos quais pertenciam à maioria da população.

E para mostrar como existia uma hegemonia cultural levada a efeito pelos grupos sociais que comandavam as decisões administrativas da cidade, pode-se perceber como no uso do espaço urbano os interesses das classes subalternas não eram consultados. Mesmo com a óbvia impossibilidade de delimitar com muita precisão a cultura erudita e a cultura popular percebe-se que os donos dos meios de produção, que tentavam selecionar seus costumes,



ditavam as normas a serem seguidas. Eles eram os grandes protagonistas das intervenções no centro da cidade, moldado a partir das necessidades que tinham de imprimir a conquista de mercado, para alcançar sempre a obtenção de capitais.

Ao longo da década de 1930 as transformações na área central da Cidade do Salvador continuaram marcando a população com novidades que se solidificaram nas idéias que circulavam em alguns setores sociais. Assim, a presença de pessoas das classes mais abastadas aconteceu pela motivação que tinham em explorar os locais de moradia, lazer, trabalho e deslocamento. Enquanto que para os indivíduos das classes subalternas a permanência no centro da cidade ocorreu com a resistência que os motivou a exercer seus ofícios e aproveitar com intenso prazer suas possibilidades ricas e diferenciadas de viver.

FONTES

Crônicas:

LEAL, G. da C. **Perfis Urbanos da Bahia**: Os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os galegos. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.

VIANNA, H. **A Bahia já foi assim**: crônicas de costumes. 2ª edição, São Paulo: GRD; Basília; INL, 1979.

Periódicos:

Diário da Bahia. **A Falta de Agências Bancárias**. Quinta-feira, 13 de set. de 1928.

Diário de Notícias, **As Novidades da Vida Urbana**. Sexta-feira, 14 de out. de 1932.

Diário da Bahia, **Índices Positivos de Realização e Progresso**. Domingo, 01 de jul. de 1928.

Diário de Notícias. **Impressões de um Reporter Vadio**. Sábado, 11 de fev. de 1933.

Diário da Bahia. **Sem Título**. Quinta-feira, 19 de dez. de 1928.

Depoimentos:

LEAL, Geraldo da Costa. Nascido em 1922. Falecido (04/11/2003). Soteropolitano. Odontólogo e memorialista. Depoimento cedido em 05 de ab. de 2003. Duração: 53'.



PAZ, Hildeth Carmélia. Nascida em 1918. Falecida (26/05/2005). Natural de Itaparica. Morou desde 1928 no Centro Histórico. Depoimento cedido em 03 de jun. de 2003. Duração: 45'.

Iconografia:

Figura 1. AHPMS. Setor Audiovisual, 1940. Pasta 218, fotografia n° 4509.

Figura 2. AHPMS. Setor Audiovisual, 1934. Pasta 218, n° 2312,1.

Figura 3. AHPMS. Setor Audiovisual, 1939. Pasta 218, n° 2310.

BIBLIOGRAFIA

CANCLINI, N. G. **O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional**. Tradução de Maurício Santana Dias. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 13. Rio de Janeiro: 1994.

CARVALHO, J. M. de. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre políticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

FERNANDES, A. e GOMES, M. A. A. de F. (org.). **Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: MAU. FA. UFBA/ANPUR, 1992.

FERRERIA FILHO, A. H. **Quem Pariu e Bateu, Que Balance!:** mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios/176, 1989.

LEITE, R. C. **E a Bahia Civiliza-se...:** em um contexto de modernização urbana – Salvador 1912-1916. 139 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

PINHEIRO, E. P. **As Influências na Reforma Urbana de Salvador a Princípios do Século XX**. In: BATISTA, M. R. e GRAF, M. E. de C. (org.). **Cidades Brasileiras II**.



Políticas urbanas e dimensão cultural. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 1999.

SANTOS, M. A. da S. **A República do Povo**: sobrevivência e tensão – Salvador, (1890-1930). Salvador: EDUFBA, 2001.

____. **Os Caixeiros da Bahia**: seu papel conservador na Primeira República. Dissertação apresentada ao Mestrado em Ciências Sociais da UFBA. Salvador, 1974.

SANTOS, M. **O Centro da Cidade do Salvador**: estudo de geografia urbana. Salvador: UFBA/Livraria Progresso, 1959.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**: Natureza, capital e a produção de espaço. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil S.A., 1988.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VOVELLE, M. **A História e a Longa Duração**. In: LE GOFF, J. A História Nova. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Tradução: Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

